OCCIDENTE

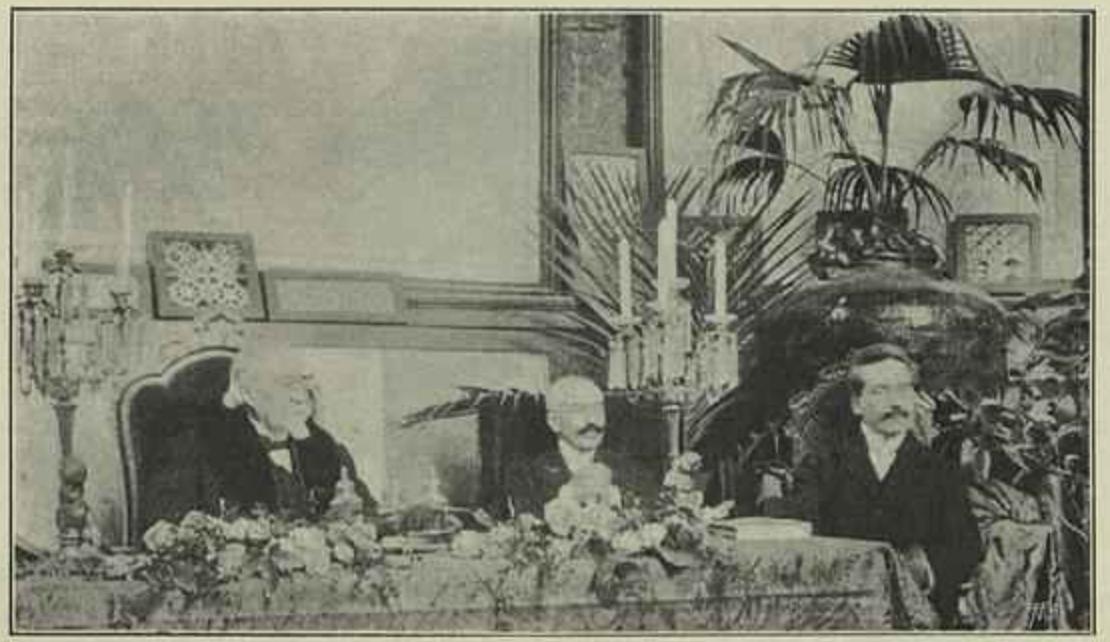
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

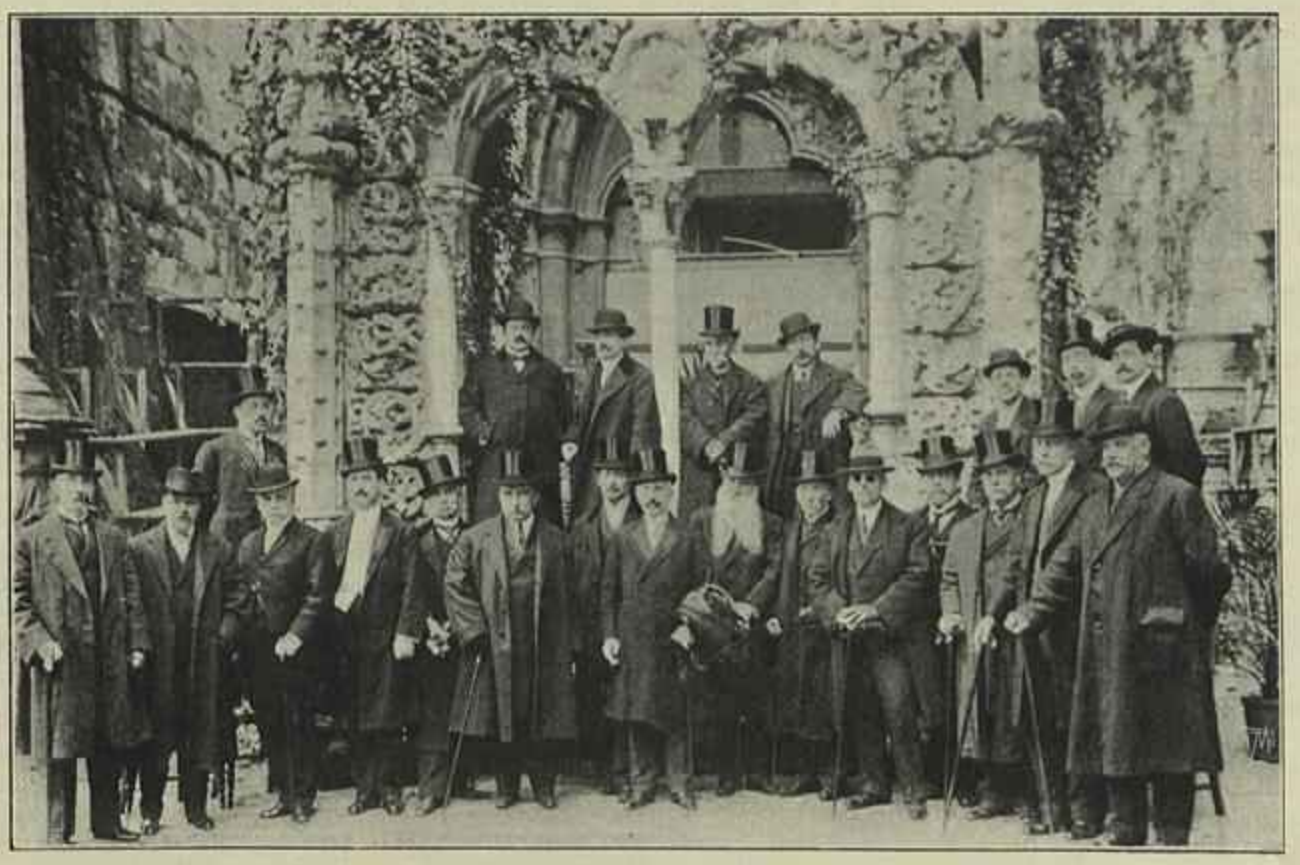
XXXVI Volume | Redacção e Administração T. do Convento de Jesus, 4 — Lisboa | 30 de Novembro de 1913 | Composto e Impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27 — Lisboa | N.º 1257

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS LISBOA

50.º Aniversario da Associação dos Arquitetos e Arqueologos Portuguêses



DR. MANUEL DE ARRIAGA — DR. ALFREDO DA CUNHA, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO — ADÃES BERMUDES, SECRETARIO
A SESSÃO SOLENE PRESIDIDA POR SUA EX.ª O PRESIDENTE DA REPUBLICA



GRUPO DE SOCIOS E CONVIDADOS QUE ASSISTIRAM Á SESSÃO SOLENE

Cronica Occidental

Olhar o passado — não move á renuncia do presente. Antes, o exame atento das forças tradicionaes duma nacionalidade prepara o espirito na compreensão precisa do seu momento actual e previsão de acontecimentos que vão necessariamente realisar-se. Se a linha evolutiva que um povo percorre, apresenta desvios sinuosos de orientação ou soluções de continuidade, factos, de extranho interesse, perturbadôres, insolitos, ocorrem — e sempre nas camadas sociaes que estratificaram, eles deixam assinalada iniludivelmente a sua marca. O tempo e o espaço segredam-se — e o dia, ao sumir se, longe, na distancia remota do horisonte, vestigiou, em epigrafe, no espaço, a letra dos seus destinos. E essa letra releva os estranhos caracteres dos hieroglifos — quem nos decifrará?... — A cornucopia do tempo é sempre cheia, a trasbordar, de factos, que, mal assomam, cáem desfeitos em ruinas. O tempo arrasta-se sobre ruinas. Entanto, é dessas ruinas que vai dimanando a nossa vida.

Tentar compreender o presente, sem exame previo e inteligente do passado, — é ilusão de teoristas, sem consequencia, e intelectualismo em desvario.

Mas se, em teoria, tudo é possivel, e até o proprio absurdo, por ser a negação categorica da logica, — as ideias, têem de rectificar-se na acomodação da realidade inalienavel. E assim, decretar, sem assentar previamente sobre o passado, é acastelar em Espanha ou edificar sobre areia movediça.

Rajada levará tudo em destroço e estrago.

Por isso, os homens-de-estado são necessariamente conservadôres. De contrario, falham á propria missão.

Em politica, radicalismo é escada posta subrepticiamente sobre as almenaras do poder; será manha de estrategia, nunca tactica de governança.

Tudo que de mais se avente, torna-se castelo de nuvens que o vento leva.

A experiencia repete-se, dia a dia.

E é curioso de notar como o povinho ingenuo se arrufa, incorrigivelmente revolucionario e parvulo, boquiaberto em hiatos de espanto e cólera, surpreso na sua crendice lorda e magoado nas suas espaduas que serviram comodamente para escalada de ameias altas, quando percebe, por acaso, de relance, que, apesar de tudo, é ainda na terra baixa, em lama, que se estatela e esbraceja. Todavia, valha-nos, ao menos, isso, para refrigerio de magoas, nas horas vagas, continua a cantar, enternecidamente o fado ou a canção de La Pallice...

*

Dia 23, realisou-se com solenidade, o 50.º aniversario da fundação da Sociedade dos Arqueologos Portugueses. No espaço de meio-seculo, bem varios tempos esta associação atravessou, proficua, incansavel, benemerita. Ao principio, relegada para solidão isoladôra, com desdem, a pouco e pouco, foi emergindo da sombra, e hoje os serviços valiosissimos que presta, são reconhecidos com gratidão. Sobre os monumentos do passado ergueu o seu culto, e nele se absorve benedictinamente, alheiada das intemperies do momento que transcorre.

Por ventura, apagou já seus écos a fama que a gosto caricaturava os arqueologos em figuras esquisitas de velhôrros, vestidos de poeira, contaminados de caruncho, fedentos de bafio, fauna deslocada no tempo, alquimistas de nova e menos misteriosa especie, maniacos de colecções inuteis, bruxos doidos com narizes em elipse e calvas hiperbolicas. Agora, aqueles que desconhecem o valôr historico e pratico dos trabalhos efectuados com esforço e carinho pelos amadores inteligentes das reliquias antigas, sentem-se deslocados na actualidade, esfumados em silhuêtas de oculos grossudos de miope com borrões dum desdem amavel e risonho...

Rozendo Carvalheira

As velharias curiosas não teem simples valôr estimativo. Testemunhos de epocas decorridas, revelam aos nossos olhares nostalgicos, em evocação, mundos mortos e sepultos. Um sóco mutilado de estatua, póde restaurar a teoria dum processo de arte desaparecido.

Ruinas desmanteladas de circos e praças, reconstituem Pompeia. Uma escavação, realisada com metodo, evoca um aspecto de Troia.

Decifrar um hieroglifo é rasgar o veu de Osiris.

Traduzir uma legenda é compreender um costume.

Mas, ainda que a arqueologia não trouxesse, com o seu desenvolvimento, resultados praticos apreciaveis, seria sempre para as almas delicadas, enlevo e encanto, contemplar os vestigios breves dum tempo melhor, porque já decorreu, e mais desejavel porque não volta mais. O presente inspira desgosto. O futuro insinua sempre receio. O perfume das ruinas embriaga. As ruinas atráem, num enleio, o olhar nostalgico

*

O sr. Presidente da Republica presidiu a esta sessão comemorativa. O sr. Alfredo da Cunha pôs em relevo claramente o verdadeiro sentido da investigação arqueologica, seus intuitos e consequencias valiosissimas para a vida pratica e sciencias historicas. E coube a vez ao sr. Rosendo Carvalheira de desfolhar, num gesto enaltecedôr, saudades sobre a memoria de socios benemeritos e ilustres que foram, Valentim José Correia, Conde de S. Januario, Joaquim José da Nova, Adolfo Ferreira Loureiro e Gabriel Pereira.

Valentim José Correia foi um arquitéto distintissimo, de notavel saber profissional e consciencia escrupulosa e delicada de artista.

Januario Correia d'Almeida, barão, visconde e conde de S. Januario, torna-se enternecidamente querido da Sociedade dos Arqueologos Portuguezes pela sua cooperação indefessa de dedicação e carinho que sempre lhe dedicou.

O nome de Joaquim José da Nova é acredôr da nossa consideração, porque este homem, simples e dedicado, foi um bom e amou fervorosamente a sua patria.

Adolfo Ferreira Loureiro distinguiu-se por uma vigorosa e extraordinaria organisação de trabalhadôr, erudito, devotado ao culto da tradição.

Quanto a Gabriel Pereira — ha bem pouco tempo que ele se sumiu, na morte, da nossa mais afectuosa convivencia, para que tivessemos esquecido já, a sua modestia, cheia de melindres e delicadezas, e a sua competencia incontestavel de paleografo e monografista.

Sessão de comemoração — foi mais uma homenagem de carinho e saudade deposta sobre o tumulo de Joaquim Possidonio Narciso da Silva — primeiro fundadôr da Associação.

Antonio Cobeira.

PELO MUNDO FÓRA

A republica chinêsa, ainda ha pouco o impeprio mais antigo do mundo, está dando muito que falar pela attitude do presidente *Yuan-Chi-Kai*, eleito no mês passado, e que acaba de expulsar violentamente da Assembleia Nacional 300 representantes do partido democratico, agrupados sob o nome de *Kuo-ming-tang*, e que tiveram certa influencia no recente movimento sudista, de que Chi-Kai sahiu victorioso. *Sun-Yat-Len*, o fundador da republica, emigrou para o Japão com 68 rebeldes, e está sem dinheiro. *Huan-Ching*, outro rebelde, tem nos bancos de *Yokohama* 300 contos. Todos trabalham para uma outra revolução.

Entretanto Ynan-Chi-Kai afasta os seus inimigos do parlameeto e promette levar o paiz ao grau de presperidade, de paz e de socego, por que todos anceiam.

E' deveras curioso o contraste que se nota nas differentes phases da vida de Ynan-Chi-Kai, esse homem extraordinario que ora dirige 300 milhões d'almas. Antigo vice-rei d'um dos grandes estados do imperio, inimigo figadal das reformas, tendo sido implacavel para com aquelles que queriam, a exemplo do Japão, introduzir na China os usos e os methodos da Europa, vêmo-lo em 1898 reprimir em sangue as tentativas dos reformistas. Repentinamente appareceu-nos á frente da Revolução. E' elle proprio que expulsa a familia imperial do throno e do palacio.

Eleito presidente provisorio do governo pela assembleia dos representantes do povo, mostra-se moderado, respeitador d'uma constituição liberal elaborada sobre o modelo dos paizes do Occidente. Ynan-Chi-Kai rasga essa carta e substitue-a por uma dictadura feroz.

Manda a justiça dizer que elle conseguiu dominar a anarchia nas provincias; abafou a desordem, salvou a nação. O dictador é considerado, tanto na China como cá fóra, como o homem necessario e unico no actual momento.

A China sente-se completamente abalada na sua continuação historica. Por toda a parte revive a doutrina de Confucio. O enthusiasmo com que foi celebrado o seu nascimento em toda a China é prova evidente d'uma grande reacção *contra as doutrinas revolucionarias da joven China* e a justificação moral do regresso do Presidente aos unicos principios e methodos de governo que o povo, no estado actual da sua evolução, póde verdadeiramente comprehender e respeitar.

Para grandes males, grandes remedios. E' a devisa de Yuan-Chi-Kai, di-lo o *Times*. Governo constitucional é, presentetemente, um ideal inattingivel. Primeiro que tudo urge educar o povo nos principios do *self-governement*, antes de lhe dar instituições parlamentares. D'ahi a necessidade d'um governo conservador. O *republicanismo na China nunca foi uma realidade, e é hoje a sombra d'um sonho.*

Yuan-Chi-Kai, o mais habil dos «paes e mães do povo», está dando unicamente expressão á convicção de que todos os instinctos e tradições dos seus compatriotas acceitarão o governo da auctoridade despotica, quer benevola quer brutal, emquanto esse governo seguir precedentes estabelecidos e em conformidade do sentimento popular.

Jean Rodes, no *Temps* de ha dias, deu uma nota bem frisante do espectaculo burlesco offerecido pela China no dia da eleição presidencial.

Os deputados ajuntaram-se, conforme aviso previo, de sobrecasaca e chapéu alto; mas muitos traziam por baixo do traje moderno as antigas vestes chinêsas; outros apresentaram-se sem collarinho, e outros sem camisa!

Yuan-Chi-Kai appareceu vestido de general, com fardamento azul celeste e kepi encimado por um penacho branco. Vinha sentado n'uma cadeira e rodeado pelos dignitarios, vistosamente uniformisados e com o tom majestoso dos antigos usos das côrtes orientaes.

Natura non facil saltus, disse-o um sabio, creio que Lamarck.

Este salto da China foi verdadeiramente ridiculo.

Lao-Tze, o grande philosopho chinês do setimo seculo antes de Christo, o auctor do *Caminho da Virtude*, nunca certamente sonhou que a sua patria havia de dar ao mundo um espectaculo tão edificante.

Dissemos já que o actual mês se caracterisa pelo grande numero de desastrepela via ferrea. Para corroborar essa affirmação regista-se o que se deu no *Brasil*, na linha da *Companhia Mogyana*. Um choque formidavel que causou trinta mortes e cincoenta feridos.

A proposito do Brasil, e porque o facto interessa a *Portugal* cuja immigração para as *Terras de Santa Cruz* assume proporções extremamente graves, devemos dizer que augmenta consideravelmente a immigração japonêsa nos Estados de *S. Paulo*, *Minas Geraes* e *Rio*. Merece especial referencia a concessão feita á Companhia de Colonisação do Brasil (*Brasil Takushoku Kaisha*) para a construcção d'um porto de mar ao sul de *Iguapé*, e d'uma cidade, que se chamará *Rodrigues Alves* e que será habitada por 10:000 familias.

Para S. Paulo irão 100:000 japonêses que se dedicarão á cultura do bicho da seda. Dentro em pouco vão outros grupos numerosos de japonêses para os Estados do Rio e Minas Geraes, onde praticarão a cultura do arroz e frutas.

Está tambem assente que uma missão scientifica norte americana em breve vae fazer estudos da cultura da laranja nos *Estados do Rio* e da *Bahia*.

Que bella perspectiva para a immigração portuguêsa e para a exportação da nossa laranja!

*

Na cidade russa de *Kieff* terminou ha dias um julgamento celebre que emocionou profundamente todo o orbe civilizado. Este caso faz lembrar as scenas lendarias dos tempos medievos.

Tratava-se do *judeu Mendel Beilis* accusado de ter assassinado em Março de 1911 uma criança de 12 annos — *Andre Yutchinoky* — em condições mysteriosas, que, attendendo ao numero de golpes (treze), determinaram a suspeita de que se tratava do *crime ritual israelita*, a morte d'um catholico por um judeu com o fim de lhe extrahir o sangue indispensavel para as cerimonias lithurgicas.

Renasceu a famosa campanha antisemita, combatida pela imprensa liberal, e mantida ardentemente no tribunal por *Pranaitis*. As affirmações deste teem o apoio do delegado do ministerio publico que evoca os textos da idade media sobre as virtudes cabalisticas do numero 13; allude ao livro do monge grego *Nesphito*, onde se affirma que os judeus teem que temperar os alimentos com sangue christão; e relembra o caso, citado por *Antiochus Epiphanio* num templo israelita por occasião da tomada de Jerusalem, ha 17 seculos. O preso explicou que os judeus o estavam a engordar com o fim de o immolarem no sacrificio. Felizmente para elle, não estaria ainda bem gordo no momento da tomada da cidade!

Estas e outras monstruosidades tiveram retumbante echo nos antisemitas e na imprensa conservadora.

O antigo ministro da instrucção publica *Zinguer* declara que a these dos peritos de accusação é um castello de cartas edificado sobre pseuda sciencia; que a morte paschal, esse enigma secular, não é uma questão historica. Apresenta-se neste processo como uma arma terrivel contra os israelitas, classe poderosa, a despeito das leis d'excepção de que tem sido victima, sobretudo na Russia.

Beilis foi finalmente absolvido, para o que muito concorreu a egreja catholica! O caso parece extranho, mas explica-se bem.

O processo de *Kieff* fez recordar o de *Dreifus*. Mostrou que estava bem vivo o odio ao judeu e que a confirmação do assassinio ritual e a condemnação de Beilis seria o inicio de novo morticinio nos israelitas. O *Times* publicou então uma carta de *Rotchild* ao *cardeal Merry del Val*, a qual foi reproduzida em todos os grandes jornaes da Europa, em que se podia que dissesse se era certo haver no *Vaticano* documentos *comprovativos da não existencia do assassinio ritual*. A resposta do Cardeal foi, como era d'esperar, affirmativa.

Como esclarecimento diremos que os protestos indignados contra a accusação do assassinio ritual, attribuido aos judeus, datam de ha muito. Desde o seculo XIV que vemos levantarem-se contra semelhante calumnia as vozes dos papas Innocencio IV, Gregorio X, Martinho V, Paulo III, Clemente XIV (Ganganelli); dos imperadores Frederico III, Carlos V, Maximiliano II, Fernando I, Rodolpho III, Fernando II; historiadores e criticos de todas as religiões taes como os catholicos Wagenseil, Schudt, Gottfried Olearius, Semler. Todos elles defenderam os accusados e vingaram a abominavel calumnia de que era victima esse povo extraordinario que, correndo ha tantos seculos por todo o mundo, privado dos caracteristicos fundamentaes para a constituição d'uma nação — o *territorio e a lingua*, mantem tão firme o laço religioso, que lhe dá os foros de nação, cujas aspirações de territorio terão um dia a sua realidade pratica. Tal é o objecto dos *Zionistas*.

Para mostrar a agitação que o caso Beilis produziu na Russia, basta dizer que desde o inicio do processo até agora se deram nada menos de 66 casos de repressão d'imprensa. Houve 34 jornaes multados em 10:400 rublos; alguns foram supprimidos, e 4 redactores estão presos.

Durante o julgamento, que occupou mais de 30 sessões, houve um movimento de telegrammas avaliado em 7:000 libras, não contando os telegrammas officiaes!

O jornal *Novoye Vremia* abriu uma subscripção para um monumento a erigir sobre a sepultura de Yutchinsky. O principal subscriptor é o conde Lamsdorff que quer que se lhe ponha esta inscripção: *torturado e morto delos judeus!*

O fanatismo religioso existiu sempre. O que mais nos impressiona é que hoje esse sentimento se destaca mais intensamente nas classes cultas e nas auctoridades, que apoiam essas campanhas antisemitas tão generalisadas na Russia.

J. A. Macedo d'Oliveira.

Miniaturas

A carta do Amôr-Perfeito

Numa destas manhãs nevoentas e tristonhas, ia revendo uma a uma todas as missivas amontoádas ha uns poucos d'annos. Segrêdos e reminiscencias, que eu não podia guardar eternamente nem escondêr de vistas curiosas, mandavam-me incinerar aquelle espolio de recordações antigas.

Numa dellas queixava-se um amigo do seu estado abatido, profundamente melanchólico; esse rapáz morreu tuberculôso aos 20 annos, sem ter ao menos a consolação de vêr ao seu lado, como uma apparição

radiante e luminósa, na hora extrema, o perfil toucado de branco, de sua irmã predileta e bondosa filha de S. Vicente de Paula. Já lá vão muitos mêses que elle repousa na campa, á sombra agasalhadôra duma cruz...

N'outra, é um môço infortunado que me dá as bôas-festas. E enquanto passo os olhos apiedados sobre essas poucas linhas, reso baixinho uma oração pela alma do soldado magnanimo e valente, que combatendo pela Patria com o valôr dos Heroes, deixou o côrpo inanimado e exangue a servir de pasto aos abûtres...

Uma a uma vou relendo automaticamente essas fôlhas; são como as fieiras dum rosario, que eu passasse e contasse, murmúrándo...

As chammas depois, sôfregamente, devóram-nas. E dalli a pouco — tisnadas e ardidas, nêgras e desfeitas — quem adivinhará naquellas cinzas uma Amizáde e uma Saudáde?

Vou relendo essas fôlhas uma a uma: encontro palavras maguádas, desgôstos, dúvidas atrózes, ao lado de canticos de alegria, de évohés de noivado...

Ha uma carta só. Tem uma nódoa rôxa, como uma grande sombra de tristêsa. E' um Amôr-Perfeito esmagado.

Leio-a. «Meu filho: sê bom, generôso e piedôso. Fazes hoje 20 annos. Deus te abençôe, como eu te abençôo...»

Essa pagina de intenso affecto maternal, guardei-a no seio, como n'um relicário. E todos os dias a beijo, de joelhos...

Eu te bemdigo e venéro, carta do Amôr-Perfeito!

MANUEL DA GRANJA.

Queres conhecer um homem a fundo? Espera que o constituam em autoridade. Le Rochefoucauld o disse: Os homens são como as estatuas; é preciso vê-los colocados.

DOUTÔRA D. REGINA QUINTANILHA

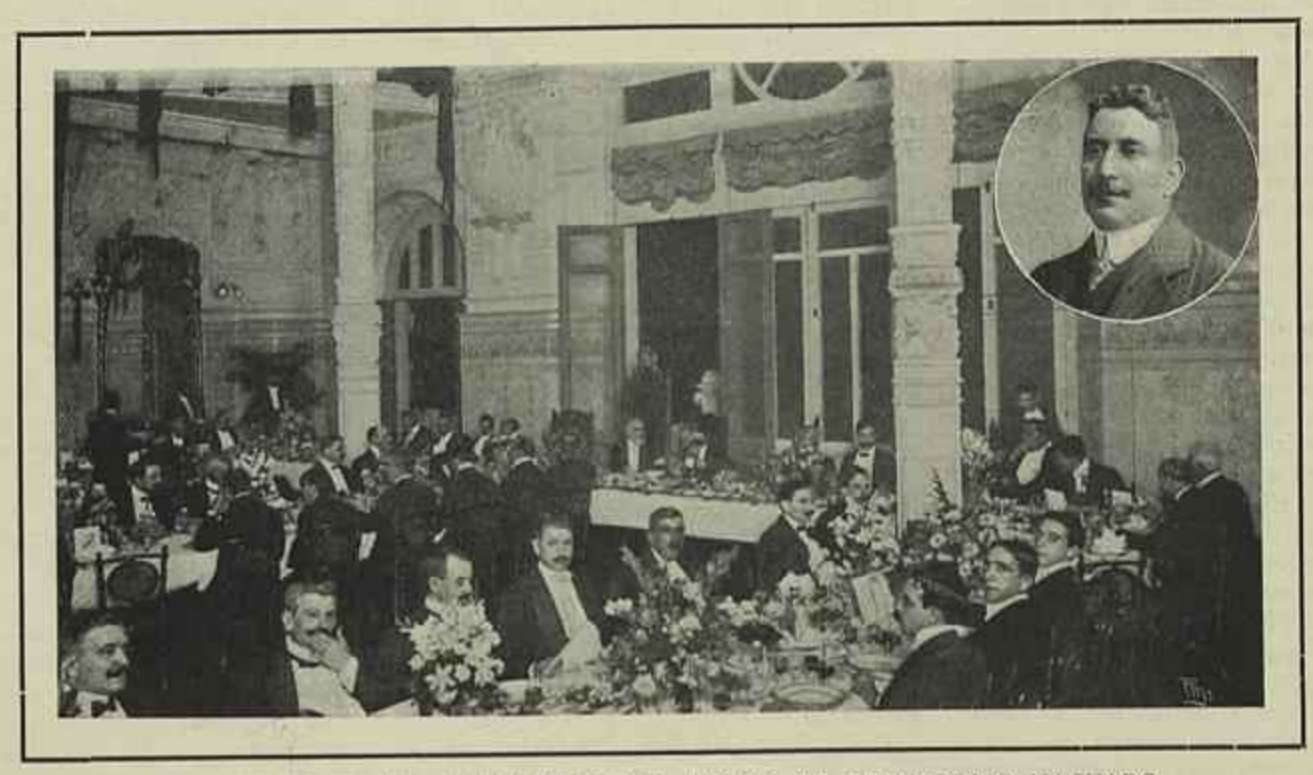
D. Regina Quintanilha

O seu aparecimento como advogada nos tribunaes de Lisboa

Pela vez primeira, se apresentou ha poucos dias no fôro português, como advogada, com um sucesso que muito promete e a que não devemos sêr indiferentes, a sr.ª D. Regina Quintanilha, a unica que entre nós até hoje concluiu com brilho a sua formatura na faculdade de direito. Indubitavelmente, esta ilustre senhora, de começo fez triunfar o trabalho do seu curso, e duma maneira tão extraordinaria, que cheios de comoção saimos da sala do tribunal, onde por fugidios momentos a distinta Doutôra prendeu a atenção de toda a assistencia que era escolhida e numerosa, a todos impressionando pelo seu modo natural, despretencioso, muito á vontade, e ainda pela fluencia de sua palavra facil e apropriada, ás vezes d'um colorido sem exagêros, servindo-se cautelosamente de gestos duma larguêsa equilibrada, que davam á sua singular figura um ritmo interessante que devéras nos encantou. Acrescentaremos a bem da verdade e da justiça, que não se devem esquecer falando da nossa primeira e distinta advogada, que toda a sua oração juridica foi bordada em argumentos bem deduzidos das leis dos codigos, cuja rigidez habilmente soube diluir na dôce expressão da sua graça *sempre* feminina, que se manteve admiravel durante os minutos que relembramos com admiração saudosa, por muito que isto pése e custe aos improgressivos descrentes da dupla e benéfica ação da mulher trabalhando dentro e fóra do seu lar para o bem comum e harmonia social.

Em nosso entender, na hora de hoje, cumpre á mulher portuguêsa a realisação do problema creadôr de principios educativos modernos cheios de combatividade que bem preciso é aos que serão de futuro grandes dentro desta abençoada terra que neste momento, mais do que nunca, precisa de todos os alentos e energias para de vez se libertar das correntes conservadoras dum passado já distante, entregando-se decididamente num novo e florescente caminho de garantias sempre progressivas.

Dissémos, ao começar estas linhas, que não ficáramos indiferentes ante o aparecimento da primeira advogada no nosso meio tão falho de iniciativas, que como esta, visam a um extraordinario fim; agora com prazêr repetimos o que então dissémos, porque sem duvida a sr.ª D. Regina Quintanilha traz á nossa sociedade, que os scepticos quererão julgar adormecida, novos principios duma moderna ação presistente e combativa, que acreditamos confiadamente serem os prenuncios do nosso aperfeiçoamento moral, com tendencias educativas cada vez mais avançadas, feito tambem á custa de indispensavel belêza dentro de cada casa pelo amavel concurso da mulher portuguêsa, sem a qual toda a tentativa de novos esplendores sociaes se tornará para sempre irrealizavel.



BANQUETE, NO RIO DE JANEIRO, EM HONRA DE BERNARDINO MACHADO

Do Rio de Janeiro acorrem com entusiasmo noticias do grande banquête realisado pelos velhos republicanos portuguezes em homenagem aos altos meritos do nosso ministro no Brasil, sr. dr. Bernardino Machado. Festa de solidariedade e confraternisação republicana — significa amôr devotado á nossa bem-amada patria, respeito e dedicação ao nosso ilustre diplomata em terras de Santa-Cruz. E' bemdita toda a tentativa que eleve, ao longe, mais alto, e imponha o nome de Portugal. O principal promotôr e oradôr oficial do banquête foi o sr. Carvalho Neves (medalhão, á direita da gravura).

Olarias do Monte Sinay por José Queiroz — Ilustrações de Alberto de Sousa

Acaba de aparecer mais um novo livro de José Queiroz — *Olarias do Monte Sinay*. E' sempre com prazer que registamos um acontecimento literario desta ordem que vem preencher a lacuna existente entre nós em livros desta natureza. José Queiroz póde orgulhar-se bem justamente de ter realisado com o seu belo e primeiro livro — *Ceramica portuguêsa* — a primeira publicação neste genero em lingua portuguêsa. Cabe-lhe indiscutivelmente essa gloria.

O ilustre autor das *Figuras gradas* mais uma vez confirma no seu recente livro as suas raras qualidades de investigador e de trabalhador consciencioso neste ramo das nossas manifestações artisticas em que José Queiroz é uma completa autoridade.

Provar que «nem toda a grande produção da antiga ceramica em Lisboa sahira unicamente das olarias do lado oriental da cidade, mas tambem das do lado oposto, apresentando-se-nos até por vezes mais valiosa a produção para áquem do Valverde», tal é o fim do presente volume, fim que a sabia documentação do autor claramente confirma atravez todas as valiosas paginas do seu estudo.

A revivescencia dos tipos caracteristicos da nossa antiga produção neste ramo das artes industriaes, revivescencia confirmada nas faianças das fabricas da rua de Sant'Anna á Lapa e da Viuva Lamego, ao Intendente em Lisboa, e na fabrica da Torrinha, em Villa Nova de Gaya, deve-se indiscutivelmente ao alto interesse do livro de José Queiroz — *Ceramica Portuguêsa. Olarias do Monte Sinay* será ,tambem — estamos disso convencidos — mais um incentivo para essa revivescencia. Nêle poz o autor todo o carinho de um artista detalhadamente analisando e desvendando todas as belezas, todas as nuances dos diferentes tipos artisticos.

José Queiroz

Seculo xviii — Azulejo a azul
0,14 × 0,14

Seculo xviii — Prato de faiança. decoração a azul
diametro, 0,37
Estes azulejos pertencem ao sr. Antonio do Carmo Vianna

Seculo xviii — Azulejo a azul

Faze-los conhecidos de um publico que os ignorava e conseguir assim, pela sua notavel influencia, restaurar nas nossas faianças os tipos acentuadamente e inconfundivelmente portuguêses é um trabalho que merece o alto apreço de todos os que se interessam pela arte nacional. Urge que o governo secunde tambem esta louvavel iniciativa particular contribuindo para o progresso da arte decorativa entre nós e creando as cadeiras correspondentes nas Escolas de Bellas Artes de Lisboa e Porto. A José Queiroz cabe tambem o grande merecimento de ter sido entre nós o constante propugnador dessa urgente necessidade artistica.

No jornal e nos seus livros claramente a tem acentuado e ainda no recente *Olarias do Monte Sinay* termina o seu prefacio chamando para isso a atenção dos senhores ministros da Instrução Publica e do Fomento e concluindo por estas palavras. — «Trata-se de um dos ramos de arte industrial mais rendosos do paiz, trata-se de uma industria millenaria que é preciso não deixar decahir. O desmaselo é mais perigoso a uma nação que uma epidemia.»

E é triste ter de confessar que bem descuidada tem sido entre nós a ceramica portuguêsa.

Ocupa-se o presente volume do inventario da ceramica do Monte Sinay e das louças gemeas dos Azulejos desde o seculo xvi ao seculo xxiii. Contêm ainda valiosos documentos e referencias especiaes á Capela de S. Roque, Azulejos de Francisco de Matos, S. Vicente de Fóra e faiança de Leiria.

Acompanham o texto belas ilustrações e gravuras de Alberto de Sousa como se vê das que acompanham estas linhas.

Livro que deve interessar a quantos se ocupam de Arte nas suas multiplas e variadissimas manifestações, livro que vem suprir a grande falta das publicações do seu genero, cuidadosamente investigado e exposto com clareza é o livro *Olarias do Monte Sinay* de José Queiroz. Com ele contribuirá poderosamente o autor para a grande obra da revivescencia artistica nacional ligando o seu nome a uma arte que estamos certos terá brevemente um florescente periodo de atividade e de grandeza.

A José Queiroz reconhecidamente agradecemos a oferta do seu excelente livro.

C. R.

Vejo-te os lindos cabelos,
Até de noite que seja,
Que eu tenho a luz para vel-os
Que nos teus olhos sobeja.

Pedro Vidoeira

Club-Brasileiro

Inauguração

(Aniversario da Republica do Brasil)

Reconhecidas as relações de amizade que ligam os dois paizes irmãos — era de esperar que a manifestação de simpatia e solidariedade feita por Portugal ao Brasil, por ocasião do aniversario da sua gloriosa Republica, seria imponentissima. E foi, incontestavelmente.

Dia 15 de novembro, no sumptuoso palacio da Legação Brasileira, á Praça do Rio de Janeiro, para apresentação de cumprimentos e saudações, a comparencia de amigos do Brasil tornou-se grande e entusiastica.

A concorrencia de brasileiros e portuguêses, que assim demonstraram iniludivelmente o carinho desvelado com que, de longe, olham as prosperidades desse grande paiz, bemquisto e bemquerido, foi verdadeiramente notavel e acredôra das simpatias de alem-mar.

Entre outras personalidades ilustres que ao sr. dr. Oscar de Teffé, ministro plenipotenciario, afirmaram efusivamente os protestos da mais alta consideração e estima pelo Brasil, contam-se os srs. presidente do ministerio e ministros do Interior, Estrangeiros e Fomento.

Tambem no palacio do consulado brasileiro, onde o sr. dr. Teixeira de Macedo, consul geral, dava recepção, a comparencia foi numerosa e distinta.

Mas, sobretudo, tornou-se, por circunstancias varias, grandiosa a manifestação promovida e realisada, por um grupo de socios do Centro Eleitoral Defensores da Republica, em homenagem á Republica do Brasil. Pelas 21,30 horas da noite, organisou-se, em direção ao palacio da Legação, um cortejo enormissimo, agitado, vibrante de animação. Era uma vasta mole de povo que se arrastava e esbracejava em ondas de entusiasmo. As bandeiras, portuguêsas e brasileiras, entrelaçavam-se estreitamente.

No palacio da Legação, o ministro plenipotenciario do Brasil, recebeu com gentileza a comissão promotôra do cortejo.

Discursos cordealissimos se trocaram.

Em breve, foi posto novamente em marcha, enormissimo, agitado, vibrante de animação, o cortejo, que seguiu para a Avenida da Liberdade em direção ao Club-Brasileiro...

Foi neste dia de celebração fervorosa da grande republica irmã que o novo club se inaugurou.

De passagem, podemos bem dizer que a sua instalação é esplendidamente luxuosa.

O baile de inauguração, realisado com suntuosidade, dançado com *entrain*, naquele lindo salão, brilhante de verde ouro, deslumbrador de iluminação elétrica, propicia sem duvida mais cordeal confraternisação entre a distinta colonia brasileira de Lisbôa.

Para atingir este fim, ha tanto almejado, não fôram certamente inuteis os esforços e boa simpatia do sr. dr. Oscar de Teffé. Neste logar, é para nós agradabilissimo e honroso exarar os nomes dos homens devotados e incansaveis, no amor da sua patria, que formam a direção deste Club. São eles, os srs. dr. Arlindo Correia Leite, José Nogueira Pinto, José Antonio Juca Santos, João Pereira Machado, Antonio Ferreira Bacellar, Manuel José Cardoso e Alberto Mello.

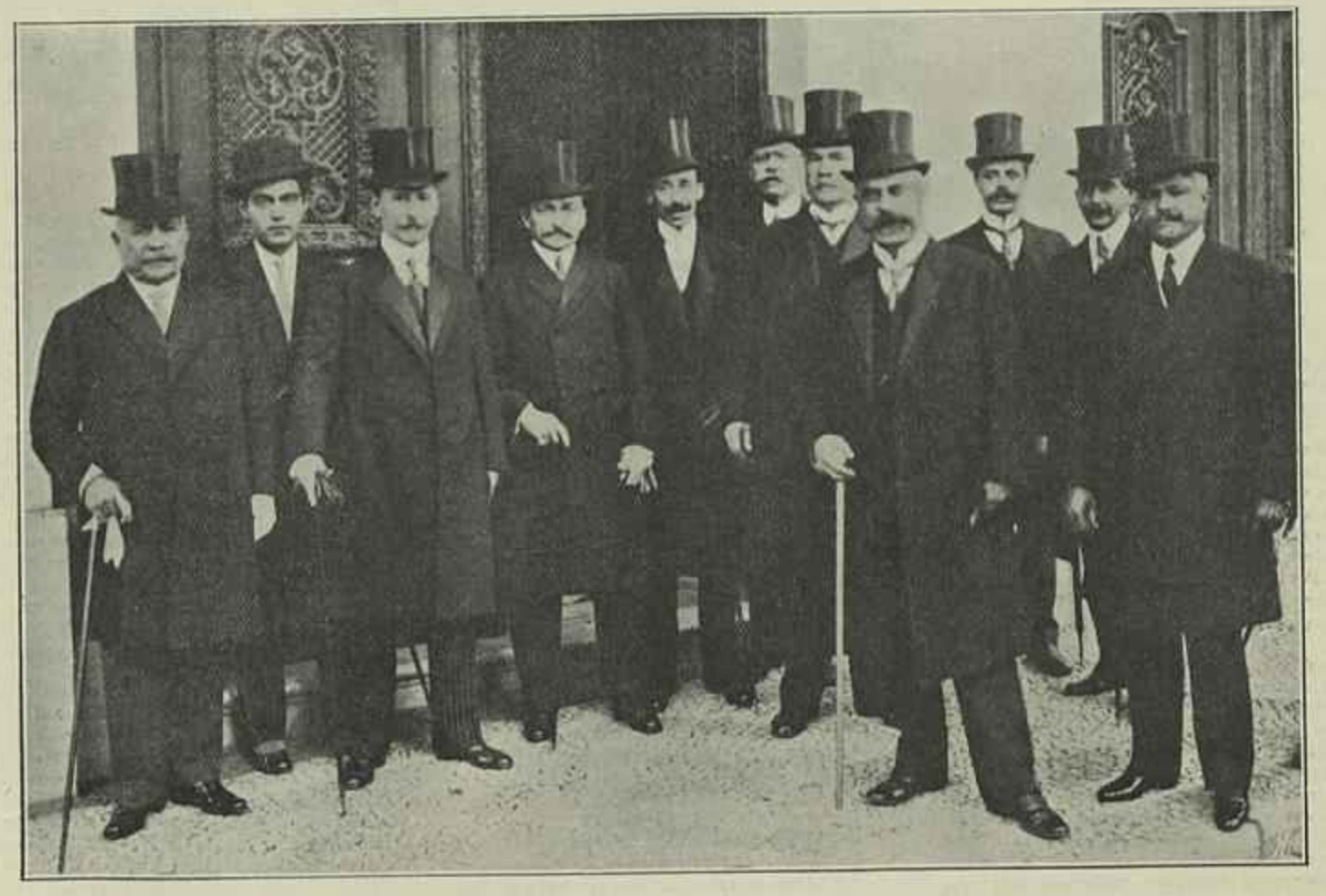
Teatro da Republica

Ermete Zaconni

Inês Cristina

Artistas dramaticos extraordinarios, de nacionalidade italiana e celebridade universal — O Teatro da Republica gloria-se, no momento presente, de acolhel-os com honra, em oito unicos saraus

Inauguração do Club Brasileiro, em Lisboa



Da direita para a esquerda os srs.: Couto Ferraz, Pereira Carvalho Junior, Rego Barreto, Manuel J. Cardoso, Mello Abreu, Pereira de Carvalho, Juca Santos, Nogueira Pinto, Dr. Pereira Brandão, Dr. Correia Leite, Pereira Machado.

GRUPO DOS MEMBROS DA DIRECÇÃO DO CLUB BRASILEIRO

PALACETE DO SR. COMENDADOR EVARISTO LOPES GUIMARÃES

Lisboa moderna

O Palacete do sr. Comendador Evaristo Lopes Guimarães

Nem todos que tiveram o raro condão de conseguir alcançar riqueza por incessantes esforços de labôr e arrojadas tentativas de grandes emprezas, sabem aplical-a em obras de bom gosto e de conforto que lhes proporcionem a suavidade do goso, o prasêr das distrações e a plena satisfação de jubilos e alegrias.

N'este empenho dão ao mesmo tempo largo impulso ás artes e industrias e boa remuneração ás classes trabalhadoras. O abastado avarento é que nenhum serviço presta á sociedade. O dinheiro que amontua avidamente, esquivando-se ás manifestações luxuosas, deixa de correr de mão em mão e de beneficiar milhares de familias.

O capital que se retrae, amesquinha um paiz; o que se emprega no desenvolvimento d'uma industria, traficando, construindo, arroteando e nos regalos da vida, engrandece-o.

Foi assim que, tendo saido de Coimbra no alvorecer da vida, onde cheio de saudades deixava amigos e parentes, entre elles o illustre lente da Universidade, Guimarães Pedroza e o dr. Francisco Lopes Guimarães, bemquisto advogado de Figueira da Foz, o sr. Evaristo Lopes Guimarães seguiu para o Pará, onde encontrou logo o mais benevolo e franco acolhimento pelas sympathias que soube inspirar, devido á seriedade do seu caracter, ás faculdades da intelligencia, ao cuidado no cumprimento dos seus deveres, ao zelo e probidade no desempenho das suas funcções.

Em pouco tempo, trabalhador activo, honesto e infatigavel, encontrou valiosas adhesões que espontaneamente se lhe offereceram e deram consideravel impulso aos seus rasgados emprehendimentos.

Os resultados obtidos alcançaram-lhe extraordinario prestigio que soube habilmente aproveitar, desenvolvendo progressivamente com o mais feliz exito, as negociações da sua já acreditada casa.

Ao cabo de 30 annos, tornou-se o mais importante e considerado emprehendedor d'esse florescente estado, enriquecido pela propagação da cultura da borracha nos ferteis campos de Manaus.

Dispondo de avultados meios, mandou edificar ahi um palacio, conforme o risco que serviu para a construcção, na actual praça do Rio de Janeiro (Patriarchal) d'aquelle que ali mandou levantar o finado negociante José Ribeiro da Cunha.

Saudoso dos encantos do Mondego que tantos poetas inspiraram e conservando sempre vivo o amor da sua patria, liquidou os negocios que tão felizmente emprehendera no Brazil e regressou a ella ha dois annos, em comovedora expansão de contentamento.

SALA DE JANTAR NO PALACETE DO SR. COMENDADOR LOPES GUIMARÃES

SALA LUIZ XVI NO PALACETE DO SR. COMENDADOR LOPES GUIMARÃES

O seu primeiro cuidado, foi reedificar a casa onde se finou seu estremecido pae, em Lorvão, tendo fornecido ao Estado tres contos de réis para a construção da estrada de que estava privado esse logar.

Quando ali vae de visita com sua familia, passar alguns dias, disperta a alegria em todo aquelle povoado, porque a esposa do sr. commendador Evaristo é de uma bondade extrema, na incansavel sollicitude de derramar beneficios por todas as familias pobres, favorecendo os velhos, acariciando e vestindo as creanças, dispensando aos famintos aves, peixes, pães, ovos e fructos.

Se o dia da chegada é de festa e regosijo para toda aquella pobre gente que por todos os modos o manifesta, o dia da partida é de lagrimas e profunda tristeza!

Abençoadas mãos que tão bello, generoso e humanitario uso fazem dos seus haveres, dando aos filhos nobilissimo exemplo de caridade e amor do proximo.

Na photogravura que hoje damos d'essa familia, estão representados os chefes, tres filhos e um neto brincando n'um velocipede.

O bello jardim do magnifico palacete que o sr. Lopes Guimarães fez edificar para estabelecer a sua residencia na capital, embelesado no interior de artisticas ornamentações

e situado na rua João Chrisostomo, do bairro das Picôas, absorve a maior parte das suas preoccupações, n'uma desvelada cultura de lindas rosas, raras flôres de estufa e d'uma encantadora variedade de crisantemos. Estando este anno ausente no estrangeiro, encarregou o seu jardineiro de os expôr aos amadores que quizessem admiral-os, na sua vasta garagem.

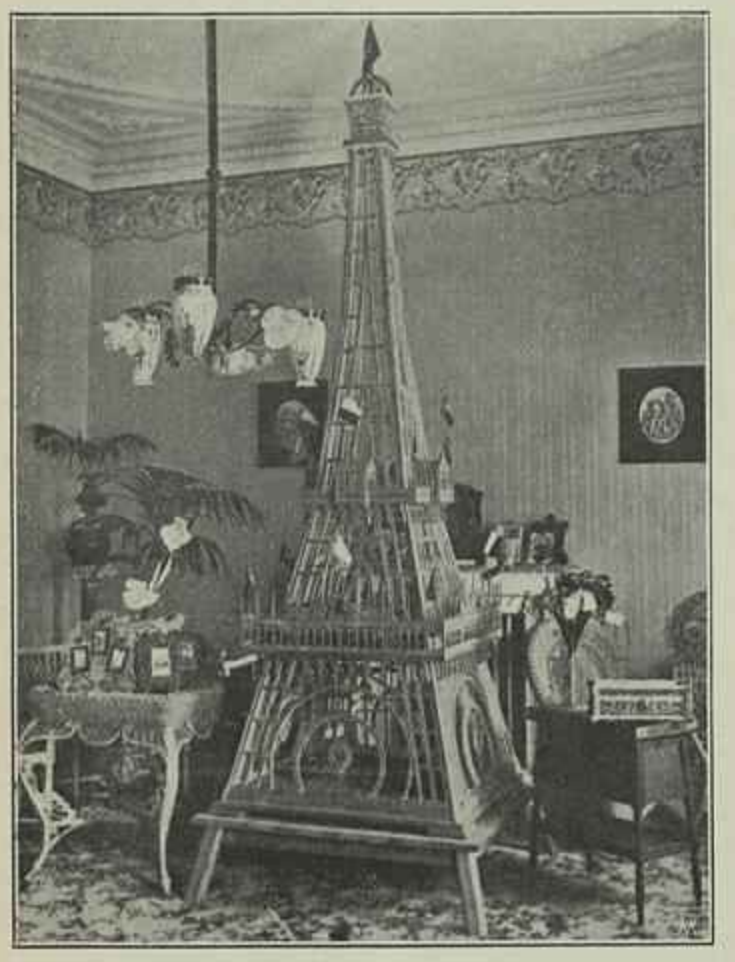
Effectivamente essa collecção, senão em quantidade, excede em qualidade a que visitámos no edificio da camara municipal. No tratamento das mais exquisitas plantas, encontra esse amador em sua esposa, dedicadissima cooperadora.

A estampa que representa a parte posterior do bonito edificio que deita para o jardim, revela o esmero com que tudo ali é tratado.

Não é só porém na floricultura que o dono emprega todo o seu afan. Nas suas horas d'ocio tambem consagra á arte apreciaveis desvellos. Assim como el-rei D. Fernando e el-rei D. José trabalhavam admiravelmente em obras de torno, como passou em proverbio no seculo XVIII, — el-rei no torno e o Marquez de Pombal no trono — assim tambem o opulento proprietario d'aquelle eden, com aturada paciencia e habilidade, a pequenos e burilados fragmentos de madeira, conseguiu construir uma famosa reproducção da torre Eiffel, destinada a recolher uma variedade de aves multicores de remotas regiões.

N'este genero de trabalhos, em artefactos de finissimos rendilhados, o sr. Evaristo Lopes Guimarães, mostra-se artista insigne. Ninguem produz mais nem com maior perfeição.

O SR. COMENDADOR EVARISTO LOPES GUIMARÃES, SUA ESPOSA E FILHOS



IMITAÇÃO DA TORRE-EIFFEL FEITA EM MADEIRA PELO SR. COMENDADOR LOPES GUIMARÃES

Na estampa em que reproduzimos a sala em que se vê esse magnifico trabalho tudo que ali se admira em caixas, molduras e outras obras, são lavôres das suas mãos habilissimas.

Se a sua deliciosa vivenda é pelo exterior do mais agradavel aspecto, no interior encerra tudo quanto o conforto, o bom gosto e a elegancia pódem ostentar em apreciavel conjuncto. Os estofos, as tapeçarias, os espelhos, a pintura dos tectos e a belleza das ornamentações, rivalisam com os primores das mais opulentas casas de Lisboa.

Como se vê nas salas que reproduzimos, a de visitas e a de jantar, o luxo e a elegancia nada deixam a desejar no apuro da escolha.

O café é servido na *marquise* que deita para o jardim, tendo ao fundo uma vistosa cascata onde a agua em brando murmurio deslisa n'um pequeno aquario onde se movem lentamente peixes de differentes côres e tamanhos. Ornamentam o recinto, avencas, fetos e vasos de plantas e flôres odoriferas.

Que a ventura continue a acompanhar n'essa principesca vivenda, a feliz e excellente familia cujo regresso á patria que idolatra foi motivo de expansivos jubilos para todos os parentes e pessoas de antigas relações.

Bem vinda seja!

FRANCISCO SERRA.

Reminicencias da Exposição Nacional das Artes Graficas

Um dos numeros mais sensacionaes das festas, em Lisboa, da celebração do terceiro anniversario do advento e proclamação da Republica, consistiu, sem duvida, na Exposição Nacional das Artes Graficas, que, destinada a uma curta duração, tal foi a curiosidade e attenção que despertou e mereceu, que a concorrencia dos visitantes impoz a necessidade de sua prorogação.

Por iniciativa e diligencia do actual administrador da Imprensa Nacional, o sr. Luiz Derouet, bizarramente correspondida por numerosos expositores, procedeu-se á inauguração d'esse precioso certamen em uma quinta feira, a 2 de outubro passado, sob a presidencia do homem de letras, o venerando Presidente da Republica; e com ella se inaugurou tambem a parte mais moderna e recentemente construida do novo edificio da Imprensa Nacional.

Logo á entrada, a cada um dos lados da escada central, deparava-se com dois volumosos cilindros, appoiados sobre a base, excedendo em corpolencia esses outros de resistente granito, com que temos visto comprimir e aplanar a balastragem das estradas.

Não se passava por aquelles vultos sem uma certa impressão, que ia muito além de um simples reparo.

Antes de maior ingresso, chamava logo a attenção um pequeno gabinete á direita, ao rez-do-chão, onde a Imprensa Nacional e a Casa da Moeda expunham interessantes e primorosos trabalhos de gravura, artisticos productos de galvanoplastia e tantas outras coisas interessantes, relacionadas com as artes graficas e seus productos, que só um copioso e bem ordenado catalogo poderia comprehender e determinar.

Na parte posterior d'este gabinete, com entrada por um corredor a elle parallelo, uma ampla quadra, em que se depára, deixem-me dizer, com dois assombros, pois que falo do que senti e admirei: eram dois gigantes a medir-se de frente a frente. De um lado, a obra da Companhia da Fabrica do Papel do Prado; do outro a Empreza de *O Seculo*, e cada um com a ostentação dos seus processos e de seus productos. Os cilindros da entrada achavam-se copiosamente reproduzidos ou diminuidos em tamanho, conforme eram destinados a impressão de publicações de diversos formatos. Só vendo-se é que se comprehende, não sem admiração, como a imprensa, na sua enorme actividade, na sua poderosa expansão, devora kilometros e toneladas de papel, para mandar o pensamento e a ideia a toda a parte: e na frente, *O Seculo*, a mostrar como aquelle Proteu realisa seus milagres, e, á custa de um nem sequer presumido trabalho fisico e intellectual.

No mesmo rez-do-chão, á parte esquerda, na sala destinada a bibliotheca, ostentava-se a exposição da fotografia modernamente destinada á reportagem dos jornaes diarios, á ilustração das revistas, e porventura á documentação do modo e forma dos acontecimentos e da identidade de atores e interventores n'elles. Diversos nomes disputavam ali competencia na perfeição de seus trabalhos, que decerto ganhariam estimulo em conhecer e acompanhar todos os progressos da arte. Esta exposição era digna de apreço e fazia honra aos expositores.

Subido o primeiro lanço da escada que dá accesso ao interior do edificio, entrava-se em um corredor escassamente illuminado, com o qual, por duas portas destinadas uma á entrada, outra á sahida, communica um vasto salão abundantemente illuminado por seis amplas janellas, em cujos vãos se encontravam, e por interessantes solicitando a attenção e exame, algumas collecções de autografos, de publicações periodicas raras, modernos trabalhos de fotogravura e muitos outros productos de impressão.

No topo do salão, á parte do nascente, em um amplo trabalho de fotografia, o retrato em pé, tamanho natural, do Presidente da Republica.

O efeito d'este salão era extraordinario: visita-

se, examina-se, circula-se por todo elle, são as paredes profusamente cobertas de efeitos expostos, são os cavaletes e vitrines que lhe occupam o centro, dividindo-o em duas naves, expondo diversidade de productos, e a final é dificil de obter e de reter uma impressão nitida d'aquillo que se viu: as impressões visuaes são tão variadas, entram no cerebro em precipitação tão rapida qne para perceber, comprehender e sentir, seria indispensavel crear um metodo de exame, que nem sempre é facil, mesmo ao espirito mais disciplinado, ou ter então a fortuna de encontrar quem nos levasse pela mão.

A um empregado de revisão na Imprensa, que viu organisar e dispôr aquelles trabalhos, o sr. Mattos Ferreira, devi poder admirar as preciosas gravuras em cobre, as fatozincogravuras e muitos outros productos artisticos de impressão; e por elle fiquei sabendo que quanto mais delicado é o trabalho de composição, mais depende a perfeita reproducção da pericia do impressor. O fenomeno de dar á luz pode comprometter todo o trabalho da gestação; depende tudo portanto da pericia do operador.

Em communicação com este grande salão, havia um outro mais amplo, em que não faltavam, antes se accumulavam curiosidades.

Encontrava-se ali, desde o mais modesto e pequeno exemplar das primeiras edições dos *Luziadas* até os mastodontes da arte da impressão, a lembrar os magestosos infolios dos antifonarios que nas cathedraes, antes de darem o tom do canto faziam girar, gemendo, as avantajadas estantes que os sustinham.

Aqui os seus congeneres de paginas abertas, e algumas com amplos adornos de gravura, estavam relegados para os baixos de uma vitrine, em cuja parte superior primavam de graça algumas reproducções das magnificas illuminuras do celebre missal de Estevam Gonçalves.

(Continúa.)

SILVA MATTOS.

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorisada pelo auctor, por Alfredo Pinto (Sacavem)

Primeira parte

VII

UMA CONVERSÃO

— Elle não ignora isso, é mais uma razão para elle a amar ainda com mais empenho, vendo-a assim tão fragil. Possue tambem o amor do sacrificio. Devemos approximar estes dois corações, pois nasceram um para o outro.

— Devo reflectir, disse Carbranches.

Apertando a mão de Steinbaum afastou-se solitario pelas avenidas do parque.

No dia seguinte, no fim do ensaio, Steinbaum foi ter com Fombreuse e disse-lhe para darem um passeio pelo campo. Fombreuse ao principio revelou pouca vontade pois desejava ir trabalhar em uma nova composição, mas depois de muitos rogos do seu amigo, fez-lhe a vontade. Quando chegaram á grade do parque encontraram-se com o general e a filha. Fôram então todos juntos.

Era ao cahir da tarde quando o sol declina no horisonte. As aves nas frondosas arvores cantavam os ultimos gorgeios do dia.

Abandonaram a estrada e metteram-se pelos atalhos cheios de flôres.

O general e Steinbaum já iam embebidos em uma conversa animada cujos gestos d'um e d'outro indicavam que ás vezes não estavam muito de accôrdo. Serafina e Fombreuse vinham um pouco mais atraz. Serafina vinha com um vestido azul claro, trazendo na cabeça um lindo chapeu da mesma côr coberto de rendas. De côr palida, tinha no olhar o aspecto docil de uma pomba. Fombreuse olhava para ella com infinito carinho.

De vez em quando Serafina ia colhendo flôres ao passo que Fombreuse ia indicando as mais bonitas.

— Para que são tantas flôres?

— Para a egreja; esta gente só pensa nos trabalhos do campo e não se lembra um instante dos altares da sua egreja.

Sempre Deus! pensou Fombreuse.

Assim como caminhando atravez dos campos, quando ouviram uma linda voz cantando uma canção cheia de amor e tristeza.

— Quem canta aqui? disse Serafina afastando uma sebe de madresilvas.

— Deve ser um rapaz; é melhor deixa-lo á vontade.

A voz cada vez parecia mais sonora ao encanto da melodia:

Deutu ganémé va mestrezik

— Como ella recorda os cantos da egreja! Não acha que estes cantos são inspirados nos da egreja?

— Ao contrario, minha senhora, a liturgia é que baseou os seus hymnos na musica popular. Se o cantochão nos causa uma profunda emoção é que possue a sua base no canto do povo. A religião christan recolheu esta musica que estava na memoria dos homens como um fumo sagrado na abobada do templo.

— Qual é a sua opinião sobre o sentimento que esta musica lhe faz?

A va henor a ve collet...

— E' um pouco incerto. O seu caracter é uma ternura melancolica. Canta o amor. Repare, d'aqui poderemos ver o cantor.

O rapaz sentado, olhos no ceu, cantava vibrando a sua alma de simples camponez.

— Elle está embebido na canção, disse Fombreuse, deve ser feliz.

— Sem duvida, disse Serafina, indo ter com o pae para lhe mostrar o cantor.

Na volta Serafina vinha pelo braço do pae, Fombreuse trazendo as flôres vinha ao lado de Steinbaum.

Quando chegaram ao terrasso do castello, Fombreuse poz nos braços de Serafina o ramo de flôres.

— Obrigada pelas minhas egrejas, disse sorridente. Amanhã poderá vêl-as como estarão bonitas. As nossas flôres resarão pelo sr. Fombreuse.

— Esta creatura, disse Fombreuse a Steinbaum depois de se despedirem, não pensa senão no ceu. E' a minha Beatriz, abrir me-ha o caminho.

— Mas o caminho do ceu não é uma estrada solitaria, disse o gravador, pódelhe dar a mão.

— Ella recusa...

— Poderá convence-la.

— Amanhã saberá a minha resolução.

Depois de jantar, em vez de ir para o salão onde todos os convidados conversavam e discutiam arte, Fombreuse sahiu para o parque. A noite estava linda e amena, e o compositor vagueando pelas ruas cheias de sombras ia pensando na sua vida futura e na sua querida arte. N'aquelle silencio da noite as ideias vinham umas apoz outras qual d'ellas a mais risonha. Parecia que a natureza lhe inspirava qualquer coisa de vago, de subtil!

Quando á meia noute, Lescourias lhe veiu bater á porta do quarto, Fombreuse estava trabalhando.

— Não te vi esta noite no salão!

— Trabalhei...

— Então bôa noite e fica tranquillo. A Rudenis disse-te que os artistas da orchestra chegam depois de amanhã?

— Disse.

— Teremos apenas tres ensaios de conjuncto, será bastante?

— Conto com isso; demais são bons artistas.

— Então bôa noite e dorme bem.

— Adeus, faz o mesmo.

Lescourias ia-se a retirar mas o desejo de conversar era mais forte.

— Sabes que temos mais um novo ouvinte, não te parece que este castello vae parecendo um hotel?

— Quem é?

— Estava a condessa a jogar o *whist*, quando um creado lhe veiu dizer qualquer coisa. A condessa levantou-se logo e sahiu do salão. Todos esperavam anciosos por saberem o que se passava. D'ahi a pouco a Rudenis entrou no salão pelo braço d'um homem dos seus cincoenta annos, era Destalbert.

— Destalbert? disse Fombreuse distrahido.

— O pianista, o admiravel interprete de Beethoven, um verdadeiro mestre!

— Nunca o ouvi.

— Eu assisti a um dos seus ultimos concertos. Que beleza de sons, que seriedade de escóla! A musica de Beethoven nas mãos d'elle são verdadeiros poemas! O seu forte é a musica puramente classica, Mendelssohn e Schumann fecharam para elle a serie dos compositores, para cá, não são musicos, mas sim fabricantes de sons!

Fombreuse continuava a escrever musica, ouvindo as palavras do seu amigo, friamente.

— Não sei se estás de accôrdo. Mas que estava eu a dizer? Ah! já sei, elle já não dá mais concertos. Um bello dia depois dos successos dos pianistas *à chapinades* como elle lhes chama, notou que os publicos não se interessavam pelas obras de Bach, Mozart e Beethoven que elle executava! E pensou, esta gente só gosta de *machinas* no piano, ouvir as obras de Liszt; por isso não toco mais. Se um dia chegar que o publico volte á musica de Beethoven encontrar-me-hão prompto para a executar.

— Bella consciencia de artista, murmurou Fombreuse.

— Imagina, meu caro, que nunca mais deu concertos! A condessa que tem laços de parentesco com a mulher d'elle, espera convence-lo para dar um recital.

— Seremos felizes...

(Continúa.)

O rico tem o seu dinheiro; o homem de talento tem o que elle é. Este pensamento é de Bismarck.

Academia de Amadores de Musica

Na noite de quinta feira, 27 de novembro, realisou esta benemerita e civilizadôra Instituição, autentica escola de artistas, o seu 145.º concerto da 31.ª serie, no salão do Conservatorio de Lisboa, sob a direção do distinto maestro D. Pedro Blanch, professor de violino da Academia e director da orchestra d'arco. Foi uma noite deveras interessante, esta de que falamos, que marca mais uma gloriosa étape no culto da musica em Portugal e mostra que entre nós ainda ha, pelo menos, um milhar de pessôas sensiveis, que se comovem com esta delicada arte, e só assim se justifica o entusiasmo crescente de toda a assistencia que com calôr sublinhou todos os numeros do programa, sem a menos febre de ardencia nos repetidos aplausos a quantos colaboraram em tão linda festa. Eis o programa, que foi belamente cumprido:

Primeira parte

I. *Andante*, Gounod (pela orchestra d'arco) — II. *Doux Souvenir*, Georges Papin (para violoncelo por mademoiselle Irene Freitas, inteligente discipula do professôr Cunha e Silva) — III. *Légende*, Wieniawski (para violino por mademoiselle Benedica Santos, brilhante discipula do professôr D. Pedro Blanch) — IV. *Prologo dos Palhaços*, Leoncavallo (para canto por mr. Alfredo Mascarenhas, antigo discipulo de Alberto Sarti e hoje grande artista.

Segunda parte

V. *Minueto*, Bocherini (pela orchestra d'arco) — VI. *S'apre per te il mio cor* (Samson et Dalila) Saint-Saëns (para canto por mademoiselle Ermelinda Cordeiro, discipula que foi, e das mais distintas, do professôr Alberto Sarti) — VII. a) *Prélude*, Debersy — b) *Les Abeilles* (N.º 3 des Poemes Virgiliens) Dubois (para piano por mr. Lourenço Varella Cid Junior, talentoso discipulo do professôr Marcus Garin) — VIII. *L'Africana-aria-Figlid di regi*, G. Meyerbeer (para canto por mr. Alfredo Mascarenhas) — IX. *Cantico das Flôres*, (N.º 5 a violeta) Armando Leça (pela orchestra d'arco).

Para 8 de dezembro anuncia-nos a Academia de Musica, verdadeira Escola de Arte Moderna, se olharmos á orientação competente dos seus professôres, um sarau-concerto, que se realisará tambem no Salão do Conservatorio, para apresentação d'alguns dos melhores alunos das aulas de canto, arte de dizer, violino, piano e violoncello.

Relembramos que a Academia abriu este ano as suas novas aulas de literaturas portuguêsa, francêsa e italiana e a interessante e indispensavel aula *arte de dizer* numa escola de musica, que deseja corresponder ás correntes modernas, aula que embora recentemente creada já tem apresentado alunos que dão primorosa audição ritmica muito consciente dos mais belos versos da nossa lingua.

O professôr desta cadeira é o sr. Arthur Lobo de Campos, de quem mais tarde nos ocuparemos largamente olhando á grande missão que a sua aula tem a cumprir dentro da Academia.

Concertos

Salão Olympia

Os dois primeiros concertos de *musica de camara* realisados n'este salão têm chamado regular concorrencia. Têm sido executadas obras de Beethoven, Schumann, Mendelssahn e Grieg, tendo havido alguns numeros dignos de applausos. Os artistas Forsini, Quilez e Bonet, têm empregado a sua bôa vontade e talento para darem a estes concertos um cunho de verdadeira arte.

*

No *Salão do Conservatorio*, em *matinée*, realisou-se o concerto Thomaz de Lima, tendo sido uma tarde de bella musica.

O sr. Thomaz de Lima tem obtido presentemente muitos progressos no violino, tanto na qualidade de som como na forma de dizer. Na musica puramente classica como foi o *concerto em lá maior* de Mozart e no *concerto* de Nardini, Thomaz de Lima revelou-se um artista de muita correcção e intelligente na comprehensão do trecho, o que não é vulgar. O *andantino* do Padre Martins foi deliciosamente tocado, recebendo do auditorio uma grande ovação. Na *romança* de Svendesen e no *Scherzo* de Ries tambem o distincto artista foi applaudido com justiça.

Uma pequena orchestra executou a encantadora *Precieuse* de Couperin, além das peças de acompanhamento, sob a direcção do novel artista Daniel de Sousa. Apesar do talento e bôa vontade do sr. Daniel de Sousa, não podémos ter umas execuções condignas dos trechos. Emquanto os nossos musicos não comprehenderem *bem* este *genero* de musica, sahirão sempre execuções fálhas de verdadeiro sentimento classico. O nosso artista no geral é muito *material*, a sua alma não vibra, não *escuta* as belezas da sua arte, quantos ao tocarem o *concerto* de Mozart não estariam a pensar em mil banalidades!

Ouvimos dois discipulos do sr. Codivilla, o sr. Motta Marques, uma bellissima voz de baixo, sabendo cantar com inteligencia, e uma senhora, D. Clara d'Almeida, que cantou uma aira de Puccini.

No final do concerto, Thomaz de Lima foi chamado e muito applaudido.

A. P. S.

Phenicia e Iberia

(Continuado do n.º 1255)

E' indubitavel a acção preponderante dos phenicios na Grecia, ainda mesmo a tomar-se como lenda a colonisação de Cadmo.

«...as taças phenicias serviram de modelo aos Gregos e fôram-lhes ajuda para arrancar a arte do estado barbaro. Por muito tempo a arte arcaica da Grecia limitou-se á copia dos desenhos d'estas taças phenicias, primeiro com servilismo e depois livremente. Certos cenarios, designados por Homero na descrição do escudo d'Aquiles, registam-se ainda com exátidão, em vasos phenicios que alcançaram até nós. *(La Sociologie d'après l'Ethnographie* par le Dr. Charles Letourneau.)»

Vê-se que a industria os empolgou.

Eis como Cesar Cantu *(Historia Universal*, versão portugueza) explica a ocorrencia que fez conhecer a purpura:

«Um cão esfomeado, diz-se, mordeu n'um marisco, e o liquido, que d'elle sahiu, tingiu o pello do seu pescoço de um magnifico vermelho. Esta circumstancia foi observada e produziu a descoberta da côr de purpura.»

Aproveitaram elles o facto e empregaram nos tecidos a esplendida côr, em que ninguem os excedeu.

O meio liquido, todavia, esperava-os como teatro magno.

«Os Phenicios conhecidos na Escritura Santa sob o nome de Caneos, palavra que na linguagem oriental significa *Mercadores*, lê-se no *Droit Maritime de l'Europe* par M. D. A. Azuni, sobresaíam por tal forma na ciencia nautica ou do mar, que lhes foi atribuida a sua invenção, consoante este verso de Catulo:

Prima ratem ventis credere docta Tyrus.»

Posto que pareça correr sangue de Cam em suas veias, a prodigiosa actividade, mostra-os e denuncia-os na linha de Sem, mais ou menos directa.

«O *typo semita* é um dos mais espalhados, em estado de infiltração, de alguma fórma. Os antigos Assirios, Sirios, Phenicios e Cartaginezes e os modernos Arabes e Judeus, entram n'este grupo. *(L'Anthropologie* par Le Dr. Paul Topinard.)»

Vou pôr diante dos olhos do leitor, baseada em autoridades inconcússas, uma passagem que encerra talvez a verdade autentica, relativamente ao ponto de partida originario do notabilissimo povo phenicio, que nos coube reavivar com eterno brilho no bronze da historia.

Na esplendida introdução á sua *Grammatica Portugueza*, João Bonança escreve assim:

Estrabão é um escriptor grego dos fins do seculo precedente á era christã; sabia perfeitamente differençar os annos, e muito bem o que escrevia; portanto 6:000 annos antes de Christo havia na Peninsula Hispanica uma civilização adeantada com *monumentos escriptos*, *leis* e *poemas*. Ora os phenicios foram uma colonia de cananeos, que vieram estabelecer-se nas costas da Syria, entre o Libano e o Carmelo, cerca de 2:300 annos antes de Christo; 3:700 annos antes de haver phenicios, já no sul da Iberia havia *monumentos escriptos*, *leis*, *poemas* e *grammaticas*...

Os phenicios, como anteriormente dissemos, foram uma colonia de cananeos, vinda das vizinhanças do Golfo Persico para a Syria, onde se estabeleceu na Phenicia 2:300 annos antes da era christã.»

De muito valeu aos hebreus a vizinhança dos phenicios, que além de lhes fornecerem preciosas madeiras, cortadas no Libano, enviaram-lhes consumados artistas de construções sumptuosas.

O grandioso templo de Salomão, em Jerusalem, participou de ambas estas coisas. O seu principal dirigente, de Tiro, chamava-se Hiran, de quem J. Salvador *(Histoire des Institutions de Moïse et du Peuple Hébreu)* assevera que, por parte de sua mãe, descendia «da tribu de Dan ou da de Nephtali.»

Não existiu este extraordinario povo phenicio acorrentado a instituições politicas da indole e natureza despotica d'aquelas em que se abismaram outros povos asiaticos, e em materia religiosa não exerceu pressões.

«Os Phenicios, escreve John Lubbock *(Les origines de la Civilisation*, versão franceza) adoravam tambem uma divindade, sob o aspéto de pedra bruta.»

Com tal gente, navegadora e por essencia comerciante, houve largas relações a peninsula mais ocidental da Europa, então deveras atraente e empolgante, pelas abundantes riquezas de um solo inexgotavel hontem como hoje, amanhan, e sempre!

Apenas carece de querer atilado e de tenacidade logica.

(Continúa.)

D. Francisco de Noronha.

O prazer dá o que a sabedoria promete. — *Voltaire.*

NECROLOGIA

Bispo de Coimbra — Conde de Arganil

No dia 19 do corrente, desapareceu para sempre o sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina, que em egual data de 1830 nascera no logar de Costeira, da freguezia de S. Salvador da Carregosa.

Viveu portanto 83 anos completos, e durante 43, governou o bispado de Coimbra de que foi o 61.º prelado, sendo tambem o 25.º Conde de Arganil. Algumas notas desejamos fornecer aos nossos leitores sobre a evolução da carreira profissional duma das mais interessantes e raras individualidades do episcopado português, de que foi sempre um elemento de valôr e de respeito.

Já, como estudante de direito, em cuja faculdade se matriculou em outubro de 1848, o sr. D. Manuel de Bastos Pina se evidenciara brilhantemente pelas suas qualidades de academico distinto, exelencia de caracter e primôres de coração. Possuia a simpatia unanime e devotada de todos os seus companheiros, que o estremeciam pelas maneiras afetuosamente delicadas com que a todos atendia quando era consultado sobre qualquer assunto, ainda que este não respeitasse á especialidade de estudos que professava.

Acompanhando em julho de 1854, com o secretario, o sr. D. José Manuel de Lemos, bispo de Bragança, foi ordenado presbitero a 19 de novembro seguinte, precisamente na data em que completou 24 anos, sendo apresentado Chantre da Sé Catedral por decreto de 6 de dezembro, nomeado Vigario Geral por provisão de seu prelado de 20 de janeiro de 1855 e encarregado da regencia d'uma cadeira de sciencias eclesiasticas em 6 de novembro d'esse mesmo ano.

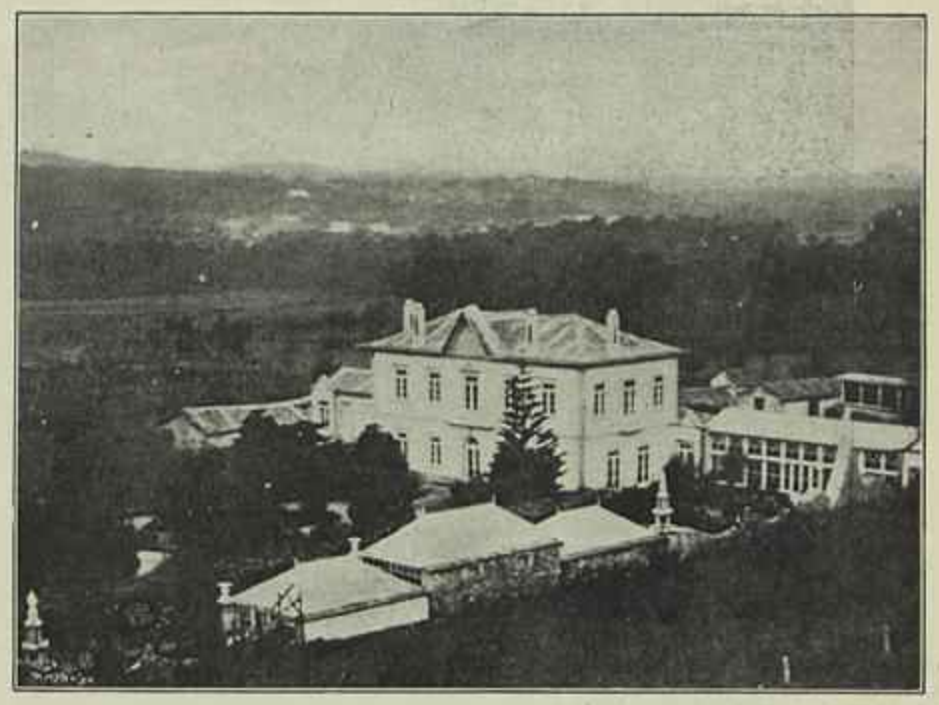
Foi com rara distinção e merecendo sempre uma forte confiança aos seus superiores que o admiravam já então com singular estima, que o sr. D. Manuel Bastos Pina se houve no desempenho de todos estes importantes cargos.

Tomou posse da dignidade de Chantre da Sé de Vizeu em 21 de agosto do referido ano de 1856 e, em 23 de março de 1857, foi nomeado examinador pro-sinodal por provisão do seu nobre prelado e antigo companheiro de casa o sr. D. José Manuel de Lemos que, sendo mais tarde transferido para a diocese de Coimbra, fez sentir ao sr. D. Manuel Bastos Pina quanto desejava e presava a sua companhia, ao que este senhor acedeu desempenhando então junto do seu bispo as importantes funções de Vigario Geral.

D. Manuel Correia de Bastos Pina
Bispo Conde

A 5 de julho de 1858 é o sr. D. Manuel Bastos Pina apresentado Chantre na Sé de Coimbra de que vem a tomar posse só em novembro de 1859, por ter sido eleito em 25 de outubro de 1858, pelos capitulares da Sé de Vizeu, para o importante cargo de Vigario Capitular *sede vacante*, onde se conservou até á posse do seu novo prelado, data em que de novo regressa a Coimbra, onde continua exercendo o cargo de Vigario Geral e por vezes de governador do bispado.

Por maneira tão distinta se evidenciou o sr. Dr. Manuel Bastos Pina no desempenho de todas estas ultimas funções, tanto de maior responsabilidade quanto é certo que devemos atender á sua florescente mas pouca edade, que desde este momento começa a ser indigitado para bispo na primeira oportunidade, graças aos seus relevantes serviços á Egreja e ás dedicações que tinha sabido desenvolver por parte de todos os seus superiores e subordinados.



SOLAR DA CARREGOSA — Residencia onde faleceu D. Manuel — Bispo de Coimbra Conde de Arganil

Por falecimento do sr. D. José Xavier torna a ser eleito vigario Capitular da Egreja de Vizeu em 8 de maio de 1862, onde prestou incalculaveis serviços a ponto de ser então agraciado com a Comenda de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa que só era concedida a pessoas de excepcional envergadura moral e profissional, dando certos fóros e regalias a quem por ventura os não possuisse por nascimento proprio.

Mais tarde, por provisão de 1 de janeiro de 1865, é nomeado governador do bispado de Coimbra pelo sr. D. José Maria de Lemos, Bispo-Conde, que o apresentou seu coadjutor e futuro sucessor por decreto de 8 de janeiro de 1870, sendo eleito em 31 de março do mesmo ano vigario capitular *sede vacante* pelo falecimento a 26, do seu dignissimo Prelado e amigo querido.

A 12 de maio de 1870 é eleito bispo de Coimbra, sendo sagrado com todas as pompas e revestindo as cerimonias o maior esplendor em 19 de maio de 1872 na Sé Catedral, no dia em que o sr. D. Manuel Bastos Pina prefazia a edade de 42 anos.

Desde esta data até ao seu fatal e funesto desaparecimento, o seu governo foi sempre a demonstração constante das suas eminentes qualidades de prelado, sabio, parlamentar e artista, pois por todas estas formas o sr. Bispo-Conde de Coimbra se soube sempre impôr á admiração dos seus proprios adversarios.

Não podemos tecer em poucas linhas, embora fosse esse o nosso desejo, a biografia desta figura imponente da Egreja Portuguêsa, porque é larguissima a sua folha de serviços ao País que teve a gloria de o contar como um dos seus filhos mais queridos e mais distintos em todos os ramos da moderna atividade intelectual.

Acentuaremos junto de quem nos dá a honra de sua atenção, que esta prestigiosa individualidade não foi sómente o chefe devotado da Egreja, logar que soube exercer como pastor doce de almas simples. Foi tambem e com grande nobreza, o reformador, o inovador, indo ao encontro dos necessitados a quem protegia muitissimo, e dando todo o seu impulso valioso aos progressos sociaes. Cuidou carinhosamente da instrução transformando o ensino no seu seminario onde introduziu a cadeira da historia da *Arte* christã, instituindo tambem o riquissimo museu com as preciosidades da mitra e fazendo restaurar a Sé Velha com todo o brilho, opulencia e frescura da sua feição primitiva. Este traço acentuadamente *artista* do eminente prelado temos de o sublinhar pelo respeito que sempre nos merecem aqueles que sendo sabios e grandes, resistem ao embotamento que a sciencia, quando é profunda, ás vezes desenvolve, o que felizmente não aconteceu com esta veneranda Figura da Vida Portuguêsa, a que deu sempre todo o seu maior realce e apresentando-se-nos ainda como um *sensivel*, que certamente se comovia ante o perfume encantado duma flôr, ou escutando ou lendo uma simples quadra popular das mais belas do nosso cancioneiro.

Foi portanto duma grandeza que nos causa respeitoso assombro e suprema veneração, o benemerito Prelado que até á hora da sua morte manteve sempre o esplendor do seu genio, a energia do seu maravilhoso temperamento, a sua ardente Fé catolica, a mocidade de espirito e a delicadeza de artista sublime.

O MEZ METEOROLOGICO

Outubro, 1913

Barometro — Max. 767mm.8 em 12.
» Min. 749mm.8 em 28.
Termometro — Max. 25°.5 em 14.
» Min. 10°.5 em 23.

A temperatura conservou-se, em geral, proximo do normal todo o mez. De 21 a 23 houve um resfriamento sensivel não excedendo a maxima, neste ultimo dia, 13°.2.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 8 dias.
» Ceu nublado 19 dias.
» Ceu encoberto 4 dias.

Chuva — 234mm.9 em 19 dias, um dos mais chuvosos outubros que se tem apresentado nestes ultimos anos.

Trovões — Em 28 e 31.

Trovoada e granizo — Em 26.

Horas de sol — 176h.

Se queres saber o que são os diferentes estados ou profissões dos homens examina um por um o que são um medico velho, um padre velho, um juiz velho, um advogado velho, etc., etc. Estuda bem esses homens e neles lerás como exerceram as suas profissões, segundo neles houver alma pura ou estragada.

•

A essencia do homem honesto é a sinceridade. — *Tommaseo.*

TEATRO APOLO — «CANÇÃO DO TRABALHO» FINAL DO 1.º ATO

Teatro Apolo

A peça, *Canção do Trabalho* que tem estado em cena neste teatro, é espanhola. Foi *arreglada* por Penha Coutinho que distribuiu pelos tres actos alguns ditos alegres, e a musica dos maestros Lopes del Toro e Fuentes, tambem foi aumentada com alguns numeros e não poucos pelo nosso talentoso maestro Filipe Duarte que não desmereceu do conceito em que é tido.

No desempenho distingue-se Adriana de Noronha que canta muito bem os numeros a seu cargo, sendo graciosamente secundada pela sua colega Rafaela Fôns.

Dos atores, áparte umas hesitações de Jorge Grave, que, como artista, é a primeira vez que se apresenta, sobresae Roldão num papel comico e Augusto Machado que nos dá um bom frade. Jorge Gentil, embora deslocado, ouve-se com agrado.

Em resumo sempre cabe dizer que, sendo esta peça espanhola desempenhada por artistas portugueses, estes fazem quanto podem para imitar os tipos espanhoes, sucedendo-lhe o que se dá com todas as imitações, que é ficarem sempre distantes dos originaes.

O cenario é de Luis Salvador e o guarda-roupa de Castelo Branco os quaes mais uma vez firmaram os seus creditos.

Concertos d'orchestra

Além dos concertos no *Republica* sob a direcção do maestro Pedro Blanch, iremos ter uma serie de concertos sob a regencia de David de Sousa no theatro *Polytheama*. David de Sousa, tenciona dar no 1.º concerto, musica russa e o *Poema symphonico* de João Arroyo.

ALMANAQUE ILUSTRADO DO "OCCIDENTE"

Para 1914 — PREÇO 100 RÉIS — Pelo correio 120

A SAÍR BREVEMENTE — RECEBEM-SE ENCOMENDAS DESDE JÁ NA EMPRESA DO «OCCIDENTE» — **Poço Novo — LISBOA**

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Novidades Literarias

Contos e Digressões, por Caetano Alberto, 1 vol. ilustrado e cartonado com linda capa, completa novidade 500

Casa Submarina, por M. Pembertom, romance no genero de Julio Verne, Vol. ilustrado e com capa a côres 300

Na Empresa do Occidente e nas principaes livrarias

CONTRA A TOSSE — XAROPE PEITORAL JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorisado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.ª, Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimilação aos estomagos fracos e ainda os mais debeis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Caixa pacote de 250 grammas. 200 réis
Cada lata » » » . 240 »

A' venda em todas as pharmacias

Capas para a encadernação dos volumes do "OCCIDENTE"

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os anos, eguaes na côr para colecções

Capa 800 réis **Capa e encadernação 1$200**